

Jacques Derrida: da linguagem à escritura, da escritura como transbordamento

Denise Dardeau¹

Resumo: O presente texto tem o intuito de investigar a problemática trazida por Jacques Derrida em *Gramatologia* acerca da transformação da linguagem que se faz ver a partir da proliferação, sobretudo no século XX, de alguns de seus diferentes tipos e de algumas abordagens a respeito. Para Derrida, tal problemática diz respeito precisamente à *emancipação da escritura* e, simultaneamente, à inflação, ou ao *transbordamento*, do signo “linguagem”. Nosso trabalho tem como objetivo, portanto, compreender a noção Derridiana de escritura a partir do *transbordamento* do “conceito” tradicional de linguagem.

Palavras-chave: Jacques Derrida / Linguagem / Escritura / Desconstrução / Metafísica

Abstract: This text intends to investigate the issue, brought on by Jacques Derrida in his *Of Grammatology*, regarding the transformation of language observed from the proliferation, especially in the twentieth century, of different types of language and approaches concerning the language theme. In Derrida's vision, this problematic concerns precisely the *emancipation of writing* and, simultaneously, the inflation, or the *overflow*, of the sign “language”. Our work aims, therefore, to comprehend the Derridian notion of writing from the *overflow* of the traditional “concept” of language.

Keywords: Jacques Derrida / Language / Writing / Deconstruction / Metaphysics

¹ Mestranda Departamento de Filosofia IFCS / UFRJ

Logo no início de *Gramatologia*, obra publicada em 1967 e que é referência central ao pensamento de Jacques Derrida, o filósofo se refere a uma iminente *transformação do problema da linguagem* que, no decorrer da cultura ocidental, veio se consolidando como o horizonte mundial das mais diversas e heterogêneas pesquisas. Nos anos 60, há uma significativa proliferação de diferentes tipos de linguagem e de abordagens quanto à questão da linguagem, como por exemplo, as diversas teorias lingüísticas, os problemas em torno de questões como comunicação, cibernética, tradução, informática, e, claro, as várias abordagens filosóficas sobre o tema da linguagem.² Trata-se, precisamente, para Derrida, da *emancipação da escritura* que, até então, sempre fora considerada um domínio derivado da linguagem, e, simultaneamente, da inflação do signo “linguagem”. Esta inflação do signo linguagem é a inflação do próprio signo, e aponta, ao mesmo tempo, nas palavras do filósofo, para uma *crise* e para um *sintoma*. O excesso de discursos que se produz sobre o tema da linguagem no século XX mostra-se como *sintoma* de uma *crise* em torno da redução fonética do conceito de linguagem, o qual não dá mais conta do seu próprio “sentido”, há algo que o transborda. Assim, segundo Derrida, essa crise é também um sintoma e indica que uma época histórico-metafísica deve determinar a linguagem como o seu horizonte de problematização, bem como indica que a era do privilégio da voz, da presença e da linguagem poderá ser deslocada. Dessa forma, a *crise* e o *sintoma* de que nos fala Derrida apontam para um *transbordamento* do “conceito” de linguagem, momento em que o “conceito” de escritura o ultrapassa e o compreende.

Tal *transbordamento* que Derrida nos aponta deixa entrever a clausura metafísica do pensamento em que o conceito clássico de linguagem está inscrito. Esta clausura diz respeito às oposições binárias conceituais e hierarquizantes impostas por tal pensamento. É assim que Derrida reconhece, no conceito tradicional de linguagem, um rebaixamento da escritura em relação à fala ao longo de todo o pensamento ocidental. A escritura estaria, até então, no domínio do derivado, do restrito, seria mera extensão ou simples apêndice da linguagem. Segundo o filósofo, esse rebaixamento fundamenta-se na própria lógica do pensamento metafísico que, por sua vez, sempre afirmou uma relação intrínseca, ou uma quase sinonímia, entre *logos* e *phonè*. O *logos*, comandando toda a hierarquia das oposições binárias, justifica o privilégio dado à fala em detrimento da escrita por reconhecer nela, na fala, uma ligação direta ao sentido, sua expressão

² Sobre esse assunto ver: J-F Lyotard. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

primeira e, portanto, mais verdadeira. É assim que a fala é reconhecida como o *significante principal*, ao passo que a escrita, por estar relacionada apenas à palavra falada, ou seja, ao significante do significado (ou sentido), é reconhecida como *significante do significante*.

“Em todos os casos, a voz é o que está mais próximo do significado, tanto quando este é determinado rigorosamente como sentido (pensado ou vivido) como quando o é, com menos precisão, como coisa. Com respeito ao que uniria indissolavelmente a voz à alma ou ao pensamento do sentido significado, e mesmo à coisa mesma (...), todos significantes, e em primeiro lugar o significante escrito, seria derivado. Seria sempre técnico e representativo. Não teria nenhum sentido constituinte. Esta derivação é a própria origem da noção de ‘significante’. A noção de signo implica sempre, nela mesma, a distinção do significado e do significante, nem que fossem no limite, como diz Saussure, como as duas faces de uma única folha. Tal noção permanece, portanto, na descendência deste logocentrismo que é também um fonocentrismo: proximidade absoluta da voz e do ser, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido”. (DERRIDA, 2008, p. 14)

Dessa forma, Derrida reconhece que o privilégio atribuído à voz na filosofia, ou seja, o *fonocentrismo*, é inseparável do rebaixamento da escritura e, poder-se-ia dizer, tal *fonocentrismo* se configura como outra face do *logocentrismo*. *Phoné* e *logos*, discurso e sentido, seriam inseparáveis um do outro e constituiriam, para Derrida, a essência da linguagem. No entanto, vale salientar que essa característica *fonologocêntrica* não diz respeito apenas ao conceito de linguagem, mas sim à metafísica em geral, ou, ao menos, ao que Derrida entende por metafísica, chamando-a de *metafísica da presença*.

Entretanto, não devemos incorrer no equívoco de pensar que o que Derrida sugere é um *para-além* da metafísica ou um *pôr-se fora* da metafísica. Ao contrário, para rever a metafísica e as suas características etno, logo, falo e fonocêntricas, deve-se operar dentro do seu horizonte, nas suas brechas e contradições, ou seja, no próprio potencial desconstrutor inerente ao seu discurso, a todo discurso. Só assim seria possível um pensamento da desconstrução. Em outras palavras, Derrida quer chamar atenção para o fato de que os próprios discursos já comportam em si a sua própria desconstrução. Dessa forma, a estrutura impositiva e conflitiva da metafísica baseada na universalidade dos conceitos comporta em si um potencial de violência e, portanto, a

própria *necessidade* da desconstrução³. E isso se dá devido ao caráter construído e instituído do sistema, e não devido a um desejo desconstrucionista do pensamento derridiano. Essa *necessidade* de que nos fala Derrida ou, a inevitabilidade da perturbação de dada estrutura, encontra resposta no pensamento do filósofo a partir do que ele chamou de *estratégia geral da desconstrução*.

Tal estratégia é constituída de dois momentos ou, nos termos derridianos, de um *duplo gesto*. O da *inversão* e o do *deslocamento*. Trata-se de inverter a hierarquia conceitual metafísica dando um olhar especial a tudo aquilo que se encontra na posição de subordinado e, ao mesmo tempo, deslocar os termos de uma dada oposição conceitual para outro lugar, para além da dicotomia da metafísica dualista.⁴ Para tanto, Derrida começa admitindo os quase-conceitos, ou os chamados *indecidíveis*, em lugar dos conceitos “tranquilizantes” oferecidos pela metafísica. Com isso, a partir da denúncia de que tais conceitos metafísicos nunca darão conta da coisa *enquanto tal*⁵, o filósofo deixa entrever, na sua idéia de “quase-conceito”⁶, um *como se* que retrata a metaforicidade do pensamento. E a escritura, para Derrida, é a metaforicidade mesma.⁷

“Tudo o que funciona como *metáfora* nestes discursos [sobre a escritura] confirma o privilégio do *logos* e funda o sentido ‘próprio’ dado então à escritura: signo significante de um significante

³ Sobre isto Derrida diz: “Ora, por um movimento lento cuja *necessidade* mal se deixa perceber, tudo aquilo que – há pelo menos uns vinte séculos – manifestava tendência e conseguia finalmente reunir-se sob o nome de linguagem começa a deixar-se deportar ou pelo menos resumir sob o nome de escritura. Por uma *necessidade* que mal se deixa perceber, tudo acontece como se (...) o conceito de escritura começasse a ultrapassar a extensão da linguagem”. DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 8.

⁴ Segundo Paulo César Duque Estrada, é preciso esclarecer dois possíveis equívocos quanto à noção de escritura em Derrida. Primeiro, a escritura não deve ser entendida como um tipo particular e derivado de linguagem – isto é, a linguagem escrita como fixação da linguagem falada – que abandonaria sua posição de subordinada, passando a ocupar o lugar privilegiado na relação entre fala e escrita. Segundo, Derrida não pressupõe que haja um conceito mais original, mais autêntico de escritura. Dessa forma, podemos dizer que a questão derridiana da escritura nem se resume a uma mera inversão de dicotomias tradicionais, nem se orienta por uma “lógica do aprofundamento”, ou seja, como se o pensamento derridiano partisse do princípio de que aquilo que normalmente se entende por escritura não é senão um conceito superficial que oculta algo mais originário. Para Derrida, a escritura permanece na sua posição de *significante do significante*, a diferença é que há uma “positivação” dessa posição. Ver: DUQUE-ESTRADA, P. C. “Derrida e a escritura”. In: *Às margens – a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

⁵ Sobre isso, John Caputo nos diz: “Se o real significa o que se encontra presente, o que está realmente aí, plenamente desvelado, é a desconstrução do realismo, de qualquer presença plena ou real que, como tal, pode sempre ser mostrada enquanto um efeito constituído [...]. Novamente, se, por realismo, entende-se que o alcance do conhecimento se estende até à “coisa mesma”, a desconstrução replicará que a coisa mesma, *la chose même*, sempre escapa (*dérobe*), sempre se furta ao jogo de significantes pelo qual a assim chamada coisa real é significada em primeiro lugar. Ver: CAPUTO, John. *Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida*. In: “Às margens – a propósito de Derrida”. Paulo César Duque-Estrada (org). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

⁶ Derrida usa o termo “quase-conceito” no intuito de mostrar a impossibilidade de o pensamento se organizar em torno de conceitos fechados em si mesmos, homogêneos e universais, abalando, portanto, a própria lógica do pensamento metafísico.



significante ele mesmo de uma verdade eterna, eternamente pensada e dita na proximidade de um *logos* presente. O paradoxo a que devemos estar atentos é então o seguinte: a escritura natural e universal, a escritura inteligível e intemporal recebe este nome por metáfora. A escritura sensível, finita, etc., é designada como escritura no sentido próprio; ela é então pensada do lado da cultura, da técnica e do artifício: procedimento humano, astúcia de um ser encarnado por acidente ou de uma criatura finita. É claro que esta metáfora permanece enigmática e remete a um sentido ‘próprio’ da escritura como primeira metáfora. Este sentido “próprio” é ainda impensado pelos detentores deste discurso. Não se trataria, portanto, de inverter o sentido próprio e o sentido figurado, mas de determinar o sentido “próprio” da escritura como a metaforicidade mesma”. (Ibid., p. 18)

É esta metaforicidade, contudo, que faz com que a escritura permaneça como *significante do significante*. Mas isto, para Derrida, não significa uma “secundariedade decaída”, ao contrário, há uma “positivação” dessa posição e, mais ainda, o reconhecimento da inevitabilidade deste lugar de eterno remetimento, sem que se “alcance” ou se “chegue” a algum significado, tão pouco a um significado primeiro.

É, portanto, neste sentido que Derrida afirma que o “significado funciona aí desde sempre como significante” e que “a secundariedade que se acreditava poder reservar à escritura afeta todo significado em geral” (Ibid., p. 8). A escritura, assim, é restabelecida num sentido positivo, ou seja, a estrutura “significante do significante” não é mais considerada como um aspecto secundário, derivado, ao contrário, “significante do significante”, como diz Derrida, tem a ver com o próprio movimento da linguagem, com sua própria origem. Esta é, pois, a *inversão* que traz em si um *deslocamento*, qual seja, o significado é pensado, agora, como um significante, num sistema determinado de referências. Quando dizemos que o “significante do significante” é, em última análise, a própria linguagem, isto quer dizer que o significado foi abolido, removido. Entretanto, deve-se entender a abolição do significado de um modo bem preciso. Trata-se, na verdade, da abolição da idéia de um significado que existe em si próprio, independente do sistema conceitual ou lingüístico a que pertence, isto é, como algo que existe previamente, em si mesmo. A todo significado assim concebido, Derrida chama de *significado transcendental*. Dessa forma, para Derrida, é necessário estar atento para toda suposta presença de um sentido original, auto-idêntico, preexistente à condição de ser referido por uma palavra ou, na terminologia de Saussure, por um “significante”. Em outros termos, o que deve estar sob vigilância permanentemente não é a referência ao sentido, mas, antes, a idéia de que o sentido já se

encontra dado antes mesmo de qualquer referência.⁸ É importante ressaltar que, para o filósofo, a idéia de um sentido preexistente não é apenas mais uma idéia entre outras, mas, sim, como ele escreve em *Gramatologia*, é a condição mesma da idéia de verdade. Com isso, uma vez desfeita a ilusão da presença prévia e soberana do significado, o que vem à tona é a cadeia referencial de significantes, ou seja, a escritura. E é por isso, portanto, que a desconstrução do “conceito” de linguagem passa, necessariamente, pela desconstrução do signo.

Para Derrida, a questão do signo é um ponto de entrada privilegiado para a lógica metafísica como um todo por ser baseado na oposição entre significante e significado. Tal oposição nos remete a uma rede alargada de oposições que constituem à própria metafísica.⁹ Assim, como bem salienta Rafael Haddock-Lobo, ao denunciar a inadequação do “conceito” de linguagem, apresentando, em contrapartida, um *quase-conceito* de escritura, Derrida não pretende adequá-lo àquilo que a linguagem não dá mais conta, ao contrário, pretende que a escritura, para fazer justiça àquilo que excede à linguagem, anuncie certa emancipação da necessidade de adequação.¹⁰ E é nesse sentido, portanto, que podemos entender a idéia de escritura derridiana ultrapassando e compreendendo o conceito de linguagem tradicional, bem como entendê-la como o próprio *transbordamento*.

Dessa forma, essa idéia de *transbordamento* traz consigo o próprio pensamento da desconstrução, fundamento do empreendimento gramatológico. Isso porque o *transbordamento* do conceito tradicional de linguagem mostra a própria incapacidade da linguagem (fonética) de dar conta deste *transbordamento*, apontando, assim, para a necessidade da desconstrução do domínio do *logos* e da irrupção de uma nova noção de escritura que faça justiça ao excesso de discursos que se têm produzido acerca dessa temática. *Gramatologia* vem anunciar esse transbordamento fundamental que deixa entrever essa nova idéia de escritura, a qual libera o pensamento para além da clausura

⁸ DUQUE-ESTRADA, P. C. *Jacques Derrida. Primeiros passos: da linguagem à escritura*. In: Revista *Mente, Cérebro & Filosofia*, São Paulo, v. 12, p. 49 - 57, agosto de 2008.

⁹ Sobre isso, Rafael Haddock-Lobo clarifica: “No entendimento do *logos*, o signo é sempre “signo-de”, ou seja, ele “representa” a coisa em sua ausência, “toma seu lugar”, e só é compreendido em relação à prioridade de que ele é signo-de, ou seja, desta falta. Ou seja, “significa” que o signo não significa, que não há signo nem a coisa significada, sendo nesta fenda que Derrida aponta a “desconstrução do signo”. HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008. p. 57.

¹⁰ *Ibid.*, p. 69.

da metafísica da presença. Em outros termos, o pensamento da desconstrução mostra como a redução fonética da linguagem esconde uma redução metafísica do pensamento como um todo.

Entretanto, este *transbordamento*, esse apagamento dos limites ou dos contornos fenomenológicos que, até então, definiam o conceito de linguagem, conforme diz-nos Derrida, já denota a própria impossibilidade - consciente, é preciso destacar - do projeto gramatológico. Esta impossibilidade é marcada pelo *labirinto de inscrições* que os rastros inscrevem e encerram o pensamento. O próprio nome *gramatologia*, pensado na ótica derridiana, traz em si uma aporia que desloca a pretensão de toda ciência positiva. Não se trata de uma ciência da escritura, mas, antes, da relação entre fala e escritura, entre o *grama*, ou seja, o *rastro*, aquilo que não se deixa apropriar, e a *logia*, ou seja, o *logos*, aquilo que aponta para uma suposta fala plena e para um movimento de reunião e fechamento do pensamento. O *quase-conceito* de escritura que Derrida trata em sua *Gramatologia* apontaria, então, para esse jogo de remetimentos de significantes a significantes, de rastros a rastros. Equacionando a terminologia derridiana, poder-se-ia dizer que a escritura é o *transbordamento*, e é *transbordamento* porque é jogo.

Tal jogo de remetimentos, portanto, desconstrói o conceito tradicional de signo, o que implica, fundamentalmente, romper com a idéia de origem que sempre orientou e comandou o pensamento ocidental. E tal rompimento explica a noção derridiana de escritura. Isso porque sendo o signo “signo de algo”, sendo a representação de algo em sua ausência, ele, o signo, é, desde o início, secundário. Portanto, começar pelo signo é já estar no desvio. Assim, Derrida, ao começar pelo signo, começa já no secundário, no desvio, o que equivale dizer que ele começa no começo sem começo absoluto.

Todo o esforço do pensamento inicial de Derrida gira em torno desse rompimento com a idéia de origem que se dá a partir da inflação, ou melhor, do *transbordamento* do conceito de linguagem e de seu ultrapassamento pela escritura. A escritura assume um pensamento que rompe com o centrismo e que não conta com a presença de um *significado transcendental* para norteá-lo. Em outros termos, a escritura derridiana é a própria denúncia de que todo significado não passa de um significante e que todo significante se insere numa cadeia de remetimentos sem fim. Na verdade, como nos esclarece Paulo César Duque-Estrada, Derrida vai abandonar o termo “significante” em prol do termo “rastro” ao perceber que, se não há significado em si, também não há significante, uma vez que o significante só é o que é segundo o lugar que ocupa numa cadeia de diferenças, ou seja, cada “significante”, cada palavra, cada

termo – numa frase, num discurso ou num sistema linguístico qualquer – traz o rastro de todos os outros significantes que não ele. “O rastro é verdadeiramente a origem absoluta do sentido em geral. O que vem afirmar mais uma vez, que não há origem do sentido em geral” (Ibid., 79 – 80). Assim, é a partir desse rompimento com a idéia de origem, o qual se dá através desse sistema de diferenças, que será tecida a idéia derridiana de escritura. Ao reconhecer o caráter radicalmente prévio de um sistema de diferenças em relação a todo signifiante e a todo significado, Derrida situa, a um só tempo, a importância e, também, a necessidade de se ir mais além da terminologia semiológica de Saussure: “significado” e “signifiante” como as duas faces constituintes do signo linguístico.¹¹ Para Derrida, só há remetimentos, rastros dos rastros...

E é nesse sentido que Derrida diz que “o advento da escritura é o advento do jogo” (Ibid., 8). Em outros termos, deve-se pensar o jogo como estratégia para se compreender o que seria a escritura derridiana como abalo da ontoteologia e da metafísica da presença. Desse modo, a desconstrução pode ser pensada como o jogo da escritura, como a assunção da falta de um significado maior que regule e garanta todo o discurso, de fora do jogo. Não há, para Derrida, o fora do jogo. E tal jogo é um jogo de diferenças. A diferença aqui é pensada de uma outra maneira. Não diz respeito a diferenças entre coisas, mas sim entre *rastros*. Isso significa dizer que se tem algo que vem primeiro é a própria “diferencialidade”, o que Derrida chama de *différance*. A *différance* não é da ordem da presença, do signifiante, tão pouco do significado, mas sim da do rastro. Assim, a escritura, no sentido derridiano, é o movimento ou o jogo da *différance*. Na escritura habita um pensamento de outra ordem, que *transborda* a verdade da presença e o niilismo da ausência.

¹¹ DUQUE-ESTRADA, P. C. “Derrida e a escritura”. In: *Às margens – a propósito de Derrida*. p. 20.

Referências bibliográficas:

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Míriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.

DUQUE-ESTRADA, P. C. **Às margens – a propósito de Derrida**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

_____ **Jacques Derrida. Primeiros passos: da linguagem à escritura**. In: Revista Mente, Cérebro & Filosofia, São Paulo, v. 12, p. 49 - 57, agosto de 2008.

HADDOCK-LOBO, R. **Derrida e o labirinto de inscrições**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

J-F LYOTARD. **O Pós-Moderno**. Trad. Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.